

## ***Chico Xavier: de bem simbólico do Espiritismo ao panteão da Umbanda. Literatura umbandista e identidade religiosa***

Artur Cesar Isaia<sup>1</sup>

DOI: 10.4025/rbhranpuh.v8i24.30705

**Resumo:** O objetivo deste texto é mostrar a forma inclusiva como Chico Xavier passa a frequentar a literatura umbandista, chegando ao seu panteão. Mostra o caráter dinâmico e plástico com que a Umbanda constrói-se, sendo capaz de incluir entre as entidades do seu culto, mesmo um bem simbólico do Espiritismo, ciosamente guardado como uma marca identitária espírita brasileira. Sobretudo, evidencia o texto a presença interdiscursiva de Chico Xavier na literatura produzida pelos intelectuais da Umbanda.

**Palavras-chave:** Umbanda; Espiritismo; Chico Xavier.

### **Chico Xavier: From symbolic well of Spiritism to Umbanda's pantheon. Literature and religious identity in Umbanda**

**Abstract:** The purpose of this paper is to show the inclusive way in which Chico Xavier passes to attend the literature of Umbanda, reaching its pantheon. It shows us the plastic and dynamic character in which Umbanda has been built, being able to include among the entities of its cult, even a symbolic well of Spiritism, earnestly guarded as a mark of Brazilian spiritist identity. Above all, it shows us how clear is the interdiscursive presence of Chico Xavier in the literature produced by the intellectuals of Umbanda.

**Keywords:** Umbanda; Spiritism; Chico Xavier..

### **Chico Xavier: de bien simbólico del Espiritismo al panteón de la Umbanda. Literatura y identidad religiosa en Umbanda**

**Resumen:** El objetivo de este texto es mostrar la forma inclusiva como Chico Xavier pasa a frecuentar la literatura umbandista, alcanzando su panteón. Muestra el carácter dinámico y plástico con que la Umbanda se construye, siendo capaz de incluir entre las entidades de su culto, incluso un bien simbólico del Espiritismo, celosamente guardado como marca de identidad espírita brasileña. Por encima de todo, muestra el texto la

<sup>1</sup> Professor Titular da Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em História. Pesquisador do CNPq, Vice-Coordenador do GT Nacional História das Religiões e das Religiosidades (ANPUH) e líder do GT História, Religiosidade e Cultura (CNPq). E-mail: arturci@uol.com.br

presencia interdiscursiva de Chico Xavier en la literatura producida por los intelectuales de la Umbanda.

**Palabras clave:** Umbanda; Espiritismo; Chico Xavier

*Recebido em 15/11/2015 - Aprovado em 20/12/2015*

## **Introdução**

Falar em Chico Xavier na Umbanda, nos leva a um exercício teórico, capaz de relativizar os discursos centrados em peculiaridades identitárias. Como qualquer outra ciência social, a história deve ir além da construção discursiva sobre as “evidências” da realidade. Neste sentido, os discursos sobre as impermeabilidades identitárias sejam étnicas, religiosas ou de qualquer outro matiz são projetos que estão ao serviço de uma causa. A princípio, nem boa, nem má. Apenas ligada, quase sempre, ao interesse em evidenciar a singularidade em detrimento das coexistências. Como discursos, estão retoricamente embasados na lógica da alteridade, da oposição, que retroalimenta, pela exclusão, a pretendida particularidade identitária. Boia (1998) mostrou o papel fundamental da alteridade na construção e manutenção dos imaginários sociais. A ideia de pertencimento a um idealizado “nós” é relevantíssimo, tanto para a manutenção da ordem vigente, quanto para que se operacionalize a sua derrubada. No período clássico, Platão mostrava o caráter fundamental dos mitos que enfatizavam o pertencimento à pólis e à sujeição aos seus princípios morais para a conservação das hierarquias sociais<sup>2</sup> (PLATÃO, 1987). Já a primeira metade do século XX, Sorel (1990), enfatizava o papel operacional do mito mobilizador para a criação de um projeto de futuro, imprescindível, em sua opinião, à coesão social dos responsáveis pela ação revolucionária. Por seu turno, a tradição das religiões abraâmicas caminhou no sentido também do elogio ao particularismo identitário, ressaltando as oposições entre a verdade revelada e as crenças dos pagãos, gentios ou infiéis. O discurso espírita não fugiu ao elogio a uma identidade particular, seja enfatizando a sua relação com a ciência (que o peculiarizava frente às religiões tradicionais); seja enfatizando a sua originalidade enquanto terceira revelação (que o distinguia do judaísmo e do cristianismo). O Espiritismo no Brasil tendeu, na segunda metade do século XX, a demarcar território frente à pluralização das religiões mediúnicas, com a visibilidade, principalmente da Umbanda (ISAIA & AMORIM, 2015). Igualmente, o discurso de alguns intelectuais da Umbanda, principalmente nos primórdios da nova religião, empenhou-se em fixar uma identidade com explícitas marcas distintivas, tanto em relação ao Catolicismo, quanto ao Protestantismo e ao próprio Espiritismo. Em relação ao Espiritismo, o projeto identitário umbandista mostrava uma simultaneidade de estratégias: a um só tempo marcava diferenças (quando valorizava a sua pretendida brasilidade) e salientava similitudes (quando tentava a aproximação com

<sup>2</sup> Entre as muitas narrativas míticas orais que Platão registra, está o mito de Er, que consegue voltar do Hades e narrar, de forma carregada de sentido moral, a sua experiência. (Platão, 1987).

características bem situadas simbolicamente, como o discurso cultivado e a busca por cientificidade) (ISAIA, 1999,2015).

Encarando, a partir de Bourdieu (1996) as identidades enquanto projetos, penso na necessidade de tratar as identidades religiosas como narrativas prescritivas de instituição da realidade social. Narrativas a que se deve contrapor o trabalho do historiador, ressaltando o caminho inverso da construção identitária. Ao papel prescritivo e normativo dos agentes sociais, instituindo verdades que devem relacionar-se com os fins últimos da existência, deve contrapor-se a narrativa historiográfica apostando no caráter humano e não totalmente previsível com que a realidade humana é construída (BERGER & LUCKMAN, 2011). Mas também os historiadores e a escrita da história não estão abrigados em um particularismo científico identitário absoluto. Quero dizer que não são portadores privilegiados de imunidades que os mantenham distantes dos seus condicionamentos sociais, como se fosse possível eternizar uma *epoché*<sup>3</sup> capaz de arrancá-los da memória social e da sociedade. Sujeito e objeto, indivíduo e sociedade, passado e presente aparecem, segundo Michel de Certeau, como realidades tensionais, a todo o momento interrogando o historiador sobre os limites e a originalidade de seu trabalho, ou seja, interrogando-o sobre a sua fluidez identitária. Falando sobre a tensão inerente ao trabalho do historiador, entre o passado, a sociedade e o esforço por distinguir-se deles, escreve Certeau:

A história está, pois, em jogo nessas fronteiras que articulam uma sociedade com seu passado e o ato de distinguir-se dele... demarcando-a de seu outro, mas que atenua ou modifica continuamente o retorno do 'passado' ... A relação que organiza a história é uma relação mutável na qual nenhum dos dois termos é o referente estável. (CERTEAU,1982,p. 43)

O historiador, portanto, não está imune ao seu objeto e aos condicionantes sociais, já que a “relação que organiza a história” impõe a presença do passado e da sociedade ao seu trabalho. É a presença da experiência, que se impõe à prática historiográfica, já implícita na noção tripartite que a constitui: lugar, prática e escrita. As tensões entre lugar, prática e escrita são responsáveis, para Certeau, pela não imunidade do historiador frente aos seus condicionantes sociais e ao seu próprio objeto de estudo. Anulando o objetivismo segundo o qual as fontes calariam o historiador; e o subjetivismo deste, impondo-se unilateralmente àquelas, esta tensão faz com que a escrita da história esteja sujeita a critérios de validação sempre referenciais ao lugar sócio-histórico em que é produzida (CERTEAU, 2011). Essas reflexões a respeito da forma como Certeau encara o trabalho do historiador remetem a uma problemática das identidades autocentradas para

<sup>3</sup> O termo é usado aqui na acepção da fenomenologia de Husserl (2006) que a remete a uma suspensão temporária do conhecimento acumulado sobre determinado assunto.

outro nível de complexidade: se o próprio trabalho historiográfico resulta de uma realidade tensional, que reforça a presença do pertencimento histórico-social do historiador em detrimento da mera originalidade espontânea da criação do conhecimento, o que não dizer da realidade cultural e dos bens culturais, sempre sujeitos a apropriações, usos e reelaborações? Neste sentido, alguns trabalhos no campo da antropologia já enfocaram Chico Xavier, para muito além do pretendido monopólio identitário espírita. Instigantes trabalhos de Stoll (2003) e Lewgoy (2004) mostravam Chico Xavier, enquanto significante cultural, sujeito a reelaborações culturais muito interessantes. Desta forma, os valores hagiográficos católicos passavam a servir de significados capazes de imporem-se como nexos intelectivos para a biografia de Chico Xavier. Castidade, celibato, desapego aos bens materiais, poderiam servir como alguns desses nexos intelectivos, que tornaram compreensíveis as reelaborações capazes de transformar o médium mineiro em santo brasileiro (Stoll, 2003; Lewgoy, 2004). Neste texto Chico Xavier vai ser encarado a partir da sua recorrência na obra literária dos intelectuais umbandistas; como um significante que desafia os particularismos identitários e impõe-se como presença almejada por parcerias culturais nem sempre óbvias e redutíveis ao esforço exegético dos porta-vozes autorizados do Espiritismo.

### *Chico Xavier e a psicografia na literatura umbandista*



Figura 1 A presença, em algumas casas, da "mesa de trabalhos" ao estilo kardequiano na Umbanda estreita as homologias com o Espiritismo no Brasil. (Interior do Templo A Caminho da Paz. Cantinho da Vó Catarina. Rio de Janeiro, RJ (Foto do autor)



Figura 2 A psicografia como prática ressignificada na Umbanda. Nota-se o detalhe da presença da obra de codificação espírita na "mesa de trabalhos". (Fonte: <http://apeuumbanda.blogspot.com.br/2015/07/convite-para-trabalho-especial-de-mesa.html> acesso 20/04/2014)

Em alguns trabalhos já publicados defendi a presença, na literatura umbandista, de uma visão da história do Brasil, tributária da formação triádica do povo brasileiro, defendida desde Varnhagen (ISAIA, 1999, 2012a, 2013a). Essa mesma visão aparece na psicografia de Chico Xavier, estreitando as relações interdiscursivas com a literatura umbandista. A narrativa mítica de um *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*, atualiza-se na literatura umbandista, trazendo Chico Xavier como uma presença explícita ou velada na obra de muitos intelectuais da Umbanda. Tanto a narrativa mítica da predestinação brasileira, existente na obra de Chico Xavier, atribuída ao espírito de Humberto de Campos, quanto a visão de história do Instituto Histórico e Geográfico, propalada por Varnhagen, aparecem na obra dos intelectuais da Umbanda, reafirmando as cores de um nacionalismo religioso e de um ufanismo espiritual.

A noção triádica da formação histórica brasileira, defendida pela tradição historiográfica de Varnhagen e retomada por Gilberto Freyre, evidenciava uma narrativa marcada pelas ideias de encontro, conciliação, harmonia. No caso de Varnhagen, aparecia a defesa da centralização política, consubstanciada no elogio à monarquia constitucional. Isto também não deixa de estabelecer homologias com o projeto centralizador capitaneado pela Federação Espírita Brasileira em meados do século XX (ISAIA & AMORIM, 2015). Por outro lado, a obra de codificação espírita já trazia uma concepção histórica na qual as “leis divinas” acenavam, tanto para o progresso evolutivo individual quanto social. A lei do progresso contínuo atingia não somente o destino individual do homem, mas presidia a própria teleologia histórica, acenando para um futuro radioso, intimamente relacionado às utopias sociais do século XIX e à leitura positivista da história. Lendo a obra de codificação como importante fonte histórica pode-se ver um

encadeamento que dá inteligibilidade ao processo histórico, aparentando-o com os esquemas macroexplicativos modernos. Fugindo, contudo, do revolucionarismo, que na ótica moderna catalisaria a racionalidade processual da história, a obra de codificação espírita salientava uma visão essencialmente harmônica do devir histórico. A lei do progresso contínuo marcava uma representação da sociedade e da história na qual o conflito era visto como antinatural e se apostava em ideias como complementaridade e harmonia, seladas com a caridade, sem a qual é impossível compreender-se o discurso espírita do século XIX. Essas características vão reaparecer na obra de Chico Xavier, evidenciando uma história teleológica e providencialista, em breve assumida por alguns intelectuais da Umbanda no Brasil (ISAIA, 2012b). A concepção providencialista e teleológica da história, a psicografia de Chico Xavier vai desenvolver em duas obras principais: *Brasil, coração do mundo e pátria do Evangelho*, “ditada” pelo espírito de Humberto de Campos e *A caminho da luz*, “ditada” por Emmanuel (XAVIER, 2013, XAVIER, 1998). A primeira obra traz a representação do Brasil como um lugar predestinado a abrigar a mensagem evangélica, e espalhá-la pelo mundo. Silva mostra este livro, como uma narrativa da história do Brasil, na forma de epopeia. Os fatos aparecem “pré-determinados por Cristo sob as bênçãos de Deus” (SILVA, 2005, p. 54). Já no seu prefácio, as palavras atribuídas a Emmanuel, apresentam a história do Brasil como sagrada:

Se outros povos atestaram o progresso, pelas expressões materializadas e transitórias, o Brasil terá sua expressão imortal na vida do Espírito, representando a fonte de um pensamento novo, sem as ideologias da separatividade, e inundando todos os campos das atividades humanas com uma nova luz. (XAVIER, 2013, p.08)

O plano da epopeia é anunciado já no início da obra pelo narrador:

As reservas brasileiras não se circunscrevem ao mundo do aço do progresso material, que impressionou fortemente o espírito de Humboldt, mas se estendem, infinitamente, ao mundo do ouro dos corações, onde o país escreverá a sua epopeia de realizações morais em favor do mundo. (XAVIER, 2013, p.09-10)

Também no início da obra o narrador já apresenta o papel providencial do Brasil e sua linearidade com a revelação cristã e com o Espiritismo, tido como a terceira revelação:

Jesus transplantou da Palestina para a região do Cruzeiro a árvore magnânima do seu Evangelho, a fim de que os seus

rebentos delicados florescessem de novo, frutificando em obras de amor para todas as criaturas. (XAVIER, 2013, p.10)

A partir da visão evolutiva presente na obra de codificação espírita, a psicografia de Chico Xavier assume a defesa de um aprimoramento sociopolítico humano, no qual as conquistas liberais do século XVIII e, particularmente, a república aparecem como atestados mais evidentes. A república aparece como uma particular conquista do homem, evidência da lei do progresso contínuo. Já a derrubada da monarquia é apresentada na obra como um atestado da “maioridade” política do povo brasileiro. A ação de Ismael, o anjo protetor do Brasil, era favorecida justamente por essa maioridade do povo brasileiro trazida com a república. A atuação de Ismael consolidava as condições necessárias ao aparecimento da doutrina espírita no Brasil, bem como a sua irradiação. Na narrativa, a forma como Ismael aparece está muito próxima da crença católica nos anjos guardiões, devoção esta já estudada por Ladous (1989) como diretamente ligada ao advento do Espiritismo na França do XIX. A intervenção do espírito de Ismael e de seus subordinados tem na narrativa uma função claramente política, qual seja a de resolver os problemas internos do Brasil sem o recurso da revolução, seguindo a ordem evolutiva. Assim, a psicografia de Chico Xavier está completamente articulada à obra de codificação espírita, abraçando ambas a defesa de uma ordem social harmônica e contrária ao revolucionarismo (ISAIA, 2012b). Elucidativa neste sentido é a forma extremamente encomiástica como D. Pedro II aparece, malgrado ao já propalado elogio à república:

A ideia republicana se consolidava cada vez mais no espírito da nacionalidade inteira. O bondoso imperador nunca lhe cortara os voos prodigiosos no coração das massas populares; aliás, alimentava-os com os seus alevantados exemplos de democracia. Nos espaços, Ismael e suas falanges procuravam orientar os movimentos republicanos e abolicionistas, com a alta serenidade e esclarecida prudência, no propósito de evitar os abomináveis derramamentos de sangue por desvarios fraticidas. (XAVIER, 2013, p. 161)

Este mesmo elogio a uma república e a uma abolição da escravidão atingidas sem o espectro da secessão e da violência aparece na obra de alguns intelectuais umbandistas, tanto da primeira metade do século XX quanto atuais, evidenciando a coabitação discursiva entre a psicografia de Chico Xavier e a literatura produzida pela Umbanda no Brasil. Tal qual a visão providencialista da obra de Chico Xavier, esses intelectuais umbandistas vão encetar esforços no sentido de aproximarem a história do Brasil da história da Umbanda e, em ambas, evidenciar a atuação divina e dos espíritos presidindo o encadeamento dos fatos e pré-existindo aos mesmos. Assim, a proclamação da república e a libertação dos escravos apareciam na obra dos intelectuais umbandistas,

tanto como conquistas do espírito humano, quanto revelando uma história harmônica, pacífica e em plena sintonia com a obra de codificação espírita. Em Diamantino Trindade, por exemplo, a mesma vinculação existente na obra de Chico Xavier entre, por um lado, uma abolição da escravidão e uma república pacificamente conseguidas e, por outro, os pré-existentes desígnios divinos aparecem claramente:

O final do século XIX é marcado no Brasil por um grande balanço social devido à libertação dos escravos e à instauração da República, uma forma mais justa de governo que iniciava sua peregrinação no Brasil. A Corrente Astral de Umbanda, aproveita esta reviravolta social e, por volta de 1889 lança o vocábulo Umbanda em vários pontos do país. (TRINDADE, 1991, p. 54)

### ***Brasil, Coração do mundo, pátria do Evangelho: a presença explícita ou velada na literatura umbandista***

Na narrativa atribuída ao espírito de Humberto de Campos, o 15 de novembro de 1889 era apresentado como o momento culminante da atuação direta de Deus na história nacional. As cores da epopeia brasileira acentuavam-se com a atuação divina na proclamação da república, vista como o “último acontecimento político, que se verificaria com seu amparo direto” (XAVIER, 2013, p. 168). Da mesma forma, evidenciando seu caráter interdiscursivo, a proclamação da república aparecia na obra de muitos intelectuais umbandistas, como um acontecimento hipertrofiado, chegando o 15 de novembro a confundir-se com a narrativa mítica do anúncio ou fundação da Umbanda. É justamente a 15 de novembro, portando em um marcador institucional caríssimo para a “biografia” do estado brasileiro e para a narrativa mítica de Chico Xavier que se deu o que Diana Brown denominou de “mito de origem” da Umbanda (BROWN, 1985). Refere-se à narrativa extremamente presente em muitos intelectuais da Umbanda e na memória de muitos umbandistas, da fundação ou anúncio da Umbanda. Nesta data, em uma sessão espírita, teria acontecido a primeira manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, na cidade de Neves, RJ e através do médium Zélio Fernandino de Moraes, marcando o mito de origem estudado por Brown. Nesta narrativa, Zélio aparece como um instrumento carnal para que se cumprisse um plano traçado pelo mundo espiritual, trazendo a Umbanda para o Brasil. O mito de origem estudado por Brown habita, assim, uma territorialidade interdiscursiva com a narrativa do Brasil como a nova Palestina, presente na psicografia de Chico Xavier.

Da mesma forma que na obra de Chico Xavier, na literatura umbandista, os acontecimentos que levam ao aparecimento e difusão da Umbanda no Brasil estão pré-determinados pelos desígnios divinos, com o assessoramento dos bons espíritos. Desta maneira, Lourenço Braga, um intelectual umbandista da primeira metade do século XX escreve que a Umbanda só aparece no Brasil com a permissão de Deus, capaz de

mobilizar espíritos elevados para atuarem nos rumos que tomaram a história nacional. Lourenço Braga espousa um ponto de vista completamente datado sobre a emergência da Umbanda no Brasil<sup>4</sup>. Extremamente refratário ao passado africano, Lourenço Braga advogava que entre os negros vindos para o Brasil e aqui nascidos, grassavam práticas mágicas destinadas a atingir interesses mesquinhos e a prejudicar o semelhante. Pois é justamente com o fim de neutralizar a magia praticada para o mal que os desígnios divinos favoreceram o nascimento da Umbanda no Brasil para o autor. Referindo-se às práticas ancestrais africanas trazidas para o Brasil, escreve Lourenço Braga:

Tais práticas na África, pelos selvagens tinham um ritual e sistema de trabalhar todo especial, de acordo com a mentalidade deles e assim utilizavam-se das forças astrais ou invisíveis, através de cânticos, de sinais riscados no chão, de música adequada, do fogo, da água, do vento, do sol, da lua, etc. Eles mesmos denominavam essas práticas de Umbanda quando era para fazer o bem. Nessas ocasiões, em lugares convencionados, faziam suas reuniões para praticarem a magia, com cânticos, música e rituais que tinham e têm o nome de Candomblé. Para facilitar a incorporação dos espíritos rodavam, dançavam ou embriagavam-se. Faziam oferendas às entidades espirituais, oferendas essas conseqüentes das ordens recebidas nos Candomblés, as quais eles chamavam de cangerê (despacho, presentes, etc.). Os trabalhos realizados nessas reuniões eram, na maioria das vezes para exercer vinganças, conquista, domínio, etc. sobre pessoas ou grupos de pessoas, visando um lucro qualquer. Tais reuniões, feitas com o propósito de praticar o mal, eles mesmo denominavam de Quimbanda. Os da raça branca passaram a denominar tais práticas de “magia negra”, por ser ela magia praticada por indivíduos de raça preta, com o fito de fazer o mal. [...] Legiões de espíritos já evoluídos, com a permissão do Altíssimo, resolveram socorrer as criaturas vítimas das falanges maleficientes e ao mesmo tempo intervir entre os quimbandeiros, visando neutralizar, de algum modo a violência dos trabalhos por eles realizados, procurando encaminhá-los na senda do progresso espiritual. [...] Para melhor se aproximarem dos irmãos afeitos ao mal, dentro dos ambientes constituídos por eles, resolveram os irmãos componentes das legiões do

<sup>4</sup> Ainda na década de 1950 começa ganhar terreno uma vertente diferente, explicitamente defendendo as raízes africanas da Umbanda, presente, por exemplo, na obra de Tancredo da Silva Pinto. (Ver Isaia, 1999, p.114)

bem, dividirem-se em grupos ou falanges, por afinidade e tomar as formas humildes de caboclos, de africanos, de sereias, etc., para desse modo, agir melhor e com mais eficiência, porém, sem humilhar aqueles irmãos transviados. Tais práticas são denominadas magia branca ou “Lei de Umbanda.” (BRAGA, [s.d], p. 06)

Outro intelectual da Umbanda, Matta e Silva, sugere também que o aparecimento da Umbanda foi decidido pelo mundo espiritual. Este escritor, evidenciando uma aproximação muito grande com Chico Xavier, defendia que o Brasil seria um país predestinado a ser o berço de um grande movimento espiritual: a Umbanda. Tal qual a narrativa de Chico Xavier, Matta Silva escrevia que o mundo espiritual teria planejado que o Brasil recebesse uma nova religião, baseada no que o autor considerava conhecimentos iniciáticos orientais. Esta religião seria “criada, vibrada e ordenada para agir sob os céus do Brasil” (SILVA, 2007, p. 157). Para Matta e Silva, assim era explicada a gênese da Umbanda em terras brasileiras:

Irmãos – a Corrente Astral de Umbanda surgiu como uma providência do Astral Superior, ou seja, dos mentores do Planeta Terra, na ocasião oportuna, sobre toda essa massa que qualificaram como praticante das seitas afro-brasileiras, hoje em dia já classificada, com mais propriedade, como coletividade umbandista. E para que entendam bem isso, vamos elucidar certos ângulos relacionados com um Alto Poder Astral, definido em certas correntes como “O Governo Oculto do Mundo”, para que entre em sua justa posição a dita Corrente de Umbanda e sua missão sobre o Brasil. (SILVA, 2007, p.75)

Em *Doutrina Secreta da Umbanda* Chico Xavier é uma presença ainda maior, se bem que implícita, na obra de Matta e Silva. Inclusive, o segundo capítulo desta obra tem como título, basicamente uma paráfrase do título do livro psicografado por Chico Xavier: *Brasil, berço da luz, guardião dos sagrados mistérios da Cruz*. A presença de Chico Xavier no capítulo aparece de maneira tácita. Seu nome permanece velado, mas os indícios interdiscursivos levam à sua presença:

Neste capítulo vamos levantar mais um véu e confirmar pelo sentido oculto de nossa doutrina por que o Brasil foi cognominado, mui justamente, “Coração do Mundo – Pátria do Evangelho” e que nossa Corrente Astral de Umbanda fez definir como “Berço da Luz, Guardião dos Sagrados Mistérios da Cruz – Pátria vibrada pelo Cruzeiro

do Sul, Signo Cosmogônico da Hierarquia Crística.”  
(SILVA, 2011)

Além de aparecer como uma presença indireta em muitas obras de intelectuais da Umbanda, através da coabitação discursiva, principalmente com *Brasil, coração do mundo, Pátria do Evangelho*, também a aproximação direta com Chico Xavier é buscada na literatura umbandista, como a partilha de um bem simbólico muito especial para o povo brasileiro. Isto acontece principalmente à medida que Chico Xavier afirma-se como um bem simbólico nacional e “ecumênico”, extrapolando o projeto identitário do Espiritismo e da Federação Espírita Brasileira.

### ***Os mentores de Chico Xavier na literatura umbandista***

Acompanhando a literatura umbandista produzida de meados do século XX em diante, pode-se ver que a presença de Chico Xavier também aparecia de outra forma. Desta vez a aproximação com o médium mineiro fazia-se através dos considerados seus mentores espirituais. Ainda na década de 1940, uma escritora chamada Hilda Roxo publicou um livro interessantíssimo para a compreensão do esforço identitário em enfatizar um “Espiritismo de Umbanda”. A obra chamava-se *Kardec e a Umbanda*. Este livro buscava na presença de Emmanuel, considerado mentor espiritual de Chico Xavier, a legitimação simbólica para a Umbanda no Brasil. Claramente percebe-se que a aproximação com Kardec e Chico Xavier era buscada, tendo em vista a familiaridade simbólica de ambos com valores presentes e vivenciados no cotidiano de grande parte da população brasileira. Neste sentido, o próprio Kardec passa a ser incluído como mentor, frequentando não raro o panteão umbandista.



Figura 3 Bens simbólicos do Espiritismo migrando para o panteão umbandista: Allan Kardec, Chico Xavier, Bezerra de Menezes, bem como os dois mais conhecidos mentores, presentes na psicografia de Chico: Emmanuel e André Luiz. Detalhe de uma composição gráfica existente em <http://espiritismoaserio.blogspot.com.br/> Acesso em 10/10/2015

A citada obra de Hilda Roxo trazia a informação que Allan Kardec, juntamente com “seu missionário” Emmanuel teria ditado psicograficamente àquela médium, a recomendação de reunir o conteúdo do referido livro às suas *Obras Póstumas*, o qual complementa o Pentateuco espírita (ROXO, 1949). O livro que buscava em Emmanuel e Kardec o nicho simbólico que o credenciaria ao público leitor defendia a ideia que a revelação espírita estava incompleta. A mesma seria completada no Brasil com a Umbanda e, de maneira mais direta, com os ensinamentos transmitidos pela Irmandade “Estrela d’Alva”, da qual Hilda Roxo era a diretora:

Kardec apresentou o homem aos espíritos e os espíritos ao homem. Estrela d’Alva é o radio do planeta terra para outros mundos mais adiantados, suas aulas são mapas de astros que o homem saberá se guiar, tomando-as como ponto de partida para seus empreendimentos. (ROXO, 1949, p.86)

Emanuel Zespo é outro intelectual da Umbanda que vai aproximar-se de vultos do Espiritismo codificado por Allan Kardec em busca de dividendos simbólicos. Zespo vai colocar em evidência a figura de Bezerra de Menezes, dedicando o seu *O que é a Umbanda* à sua memória. Já na dedicatória, Bezerra é lembrado como o “pai do Espiritismo no Brasil, o gigante da pena e da palavra que mais lutou pela confraternização da família espírita” (ZESPO, 1953, p. 09). Também como Hilda Roxo, Zespo pugnava por um “Espiritismo de Umbanda” na busca por aproximar-se de um sócio simbolicamente majoritário do campo mediúnic, tendência que já aparece no primeiro grande congresso da Umbanda, datado de 1941: Primeiro Congresso do Espiritismo de Umbanda.

No Segundo Congresso Brasileiro de Umbanda, datado de 1961, Cavalcanti Bandeira vai buscar aproximação com Emmanuel, André Luiz e Chico Xavier, na tese então aprovada: “Dogmatismo e hierarquia”. Esta tese, baseada em citações daqueles dois mentores de Chico Xavier, tentava conciliar a obra de codificação espírita com a proposta de uma hierarquia umbandista. Assim, Cavalcanti Bandeira buscava na psicografia de Chico Xavier, completamente afinada com a obra de codificação e com a Federação Espírita Brasileira, o amparo simbólico legitimante para a proposta de uma hierarquia religiosa, ideia esta frontalmente oposta à obra de codificação kardequiana. É mister que se diga que na obra de codificação espírita, as desigualdades humanas são vistas como criações igualmente humanas. Às hierarquias sociais se contrapunha a igualdade natural entre os seres, que apenas se distinguiriam pelas suas características individuais e, principalmente, pelo lugar ocupado na escala evolutiva<sup>5</sup>. Igualmente, a obra de codificação não aceitava qualquer tipo de hierarquia internamente ao Espiritismo. A própria inexistência da figura sacerdotal no Espiritismo já invalidava a diferença básica

<sup>5</sup> Neste sentido, ver: Kardec, 1988, p. 94 e segs., Kardec, 1996, p. 359 e segs.

entre clero e leigos, já ultrapassada pela reforma protestante com a ideia de universalização do sacerdócio, que veio com a nova compreensão luterana do ministério eclesiástico (DREHER, 2005). Obviamente, que a opção teórica que endosso não busca a coerência racional entre uma leitura canônica e seus usos. A partir de Chartier (1988), busco a leitura como um ato criativo, no qual o leitor passa a ter um status praticamente coautoral. Assim compreende-se perfeitamente o ato criador de Cavalcanti Bandeira, capaz de trazer a leitura da obra de codificação para o seu universo intelectual e para os fins específicos, representados pelos seus interesses ao lê-la. Compreende-se, desta forma, a sua tentativa de trazer para a Umbanda algumas leituras familiares à ortodoxia espírita, ressignificando-as a partir de específicos interesses e vivências. A psicografia de Chico Xavier assim aparecia na proposta de Cavalcanti Bandeira dando respaldo a uma hierarquia umbandista:

Em contraposição ao expandido sobre o dogmatismo, a hierarquia é necessária, imprescindível, permanente e vital para a consecução dos fins visados pelo desenvolvimento da organização social [...] A pedra angular em que repousa é a obediência como nos exorta Emmanuel através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, num belíssimo ensinamento espírita que fazemos como nosso: “O universo é todo uma sinfonia de obediência garantindo os objetivos da evolução” (BANDEIRA, 1970, p. 161)

Outra escritora umbandista, Florisbela Maria de Sousa aproximou-se de um mentor de Chico Xavier, invocado como fonte de autoridade e legitimação simbólica. Seu livro, *Umbanda para Médiums* procurava partilhar com Chico Xavier a familiaridade com o espírito de André Luiz. Trata-se de uma obra bastante importante para a compreensão dos nexos intelectivos entre Espiritismo e Umbanda ou das homologias identitárias buscadas entre Chico Xavier e a Umbanda. Surgida no início da década de 1950, é importante salientar-se o lugar onde é publicada: Juiz de Fora, Minas Gerais. A obra surge, portanto, em um meio sociocultural bastante receptivo ao Espiritismo, um verdadeiro caldo de cultura dos valores espíritas, conforme os estudos de Raquel Marta da Silva (Silva, 2002, 2008, 2012). A obra apresenta-se como psicografada pelo espírito de Paraguaçu. Já no Prefácio do Livro a invocação à autoridade de André Luiz aparece narrando a “biografia espiritual” de Paraguaçu, ao mesmo tempo em que traz a sua chancela à Umbanda. No texto atribuído a André Luiz, Paraguaçu aparece como um espírito com dívidas cármicas que consegue elevar-se após uma de suas vítimas bater às portas do Grupo Espírita Unidos pelo Amor de Jesus. Na narrativa, através do socorro à vítima, conseguiu-se elevar o algoz, que assim evolui na direção de uma entidade de luz, um trabalhador do mundo espiritual. Vale à pena transcrever parte do texto atribuído a André Luiz e assim perceber-se a pretendida auferição legitimante para os trabalhos da Umbanda:

Quando Paraguaçu desencarnou, no desespero em que viveu seus últimos anos, descrente de Deus e dos homens, foi arrastado pelos exus para a encruzilhada como um dos seus comandados, para a execução de trabalhos de magia negra. Assim permaneceu uns tempos até que, por acréscimo da misericórdia divina, uma de suas vítimas bateu às portas do “Grupo Espírita Unidos pelo Amor de Jesus”, *cumprindo-se então um dos artigos da Lei de Umbanda: amparar a vítima e socorrer o criminoso...Conduzido por Mãe Sereia para receber os primeiros banhos de limpeza espiritual, foi depois entregue à falange de Oxosse (São Sebastião)*. Para o seu próprio bem era necessário que ele esquecesse sua personalidade. Esta é a razão porque se ouve frequentemente este ponto cantado nos bons terreiros de Umbanda: Ele é caboclo, ele é flecheiro, Usa tanta de cipó, Nas matas em que nasceu É mata de índio só. (SOUZA, s.d) (sem grifos no original)

O Prefácio atribuído a André Luiz traz mais indícios dos parentescos com a psicografia de Chico Xavier, além da menção autoral ao espírito familiar ao médium mineiro. Em uma frase bastante sintomática, evocadora dos problemas legais enfrentados por Chico Xavier com a família de Humberto de Campos, na década de 1940, lê-se no referido Prefácio:

Esta é a biografia espiritual de Paraguaçu; e a terrena? Vejo esta curiosidade no médium pelo qual me comunico. Se me fosse permitido descrevê-la eu o faria; mas e se a família dele se voltar contra você e exigir seus direitos autorais? (SOUSA, s.d., p. 13)

### ***Chico Xavier e seus mentores: chancelas polissêmicas na Umbanda - magia, santidade e mito de origem***

A presença de Chico Xavier como significantes avalizador aparecia mesmo em obras cuja temática era a presença da magia na Umbanda. Conforme me referi em outro trabalho (ISAIA, 2013a), fez parte do esforço legitimador dos intelectuais umbandistas, sobretudo nos primeiros tempos da nova religião, uma tentativa explícita de conciliar a bagagem mágica afro-ameríndia com a ética cristã reinterpretada pelo Espiritismo francês do século XIX. Ao lado de nomes de autores ocultistas europeus, invocados como sintoma de “erudição” pelos intelectuais umbandistas, vão aparecer também Chico Xavier e os espíritos a ele familiares como importantes marcadores simbólicos. Um exemplo disso aparece na obra *Magias da Umbanda*, de Jota Alves de Oliveira. Exemplificando a tendência conciliatória a que me referi, o autor se propunha a um “estudo comparativo

das magias positiva e negativa, dos sacrifícios de animais condenados pela Bíblia e da mediunidade na Umbanda, em face do Espiritismo, da Religião e do Evangelho de Jesus” (OLIVEIRA, 1970, p. 01). Falando sobre a Aruanda, o lugar onde, segundo a crença umbandista, habitam os Orixás e as Entidades (GUIMARÃES & LIMA, 1993), o autor a descreve como uma “colônia fraternista, escola ou colégio da espiritualidade” na qual os espíritos do pantão umbandista aprendem a subordinar os conhecimentos mágicos ao “Evangelho de Jesus”. A referência usada para “corroborar” esta afirmação é justamente a psicografia de Chico Xavier, mais precisamente a André Luiz em *Nosso Lar*. Na citada *Magias da Umbanda*, Jota Alves de Oliveira tece encômios a Chico Xavier, tido como um “querido Mensageiro, de quem muito temos colhido no aprendizado infinito... em seus livros, espelhos de sua alma e de sua apurada inteligência e sabedoria” (OLIVEIRA, 1970, p. 167). Já em *Umbanda Cristã e Brasileira*, o mesmo Jota Alves de Oliveira fundamenta o seu livro anterior *O Evangelho na Umbanda* na obra psicografada por Chico Xavier:

Por tudo o que foi pesquisado pelo magnífico escritor maranhense, agora na espiritualidade maior em contatos que a direção espiritual deste mundo e as informações colhidas sobre a força e a destinação do Espírito do Mestre, por seus emissários responsáveis, supomos ser o suficiente para convencer nossos irmãos umbandistas a meditarem sobre o convite que vimos lhes fazendo desde a publicação da nossa primeira mensagem – O Evangelho da Umbanda – para que a codificação da religião mediúnica da Umbanda seja cimentada doutrinariamente nas lições do Evangelho de Jesus. (OLIVEIRA, s.d, p. 106)

O chamamento a Chico Xavier na legitimação das práticas mágicas na Umbanda aparece atualmente, entre outras evidências empíricas, na divulgação de uma mensagem, atribuída a André Luiz e bastante divulgada na internet, em alguns sites ligados à religião. A referida mensagem não traz nenhuma indicação bibliográfica. Não estou interessado absolutamente em discutir a autoria da mensagem. Muito mais do que isso, importa vê-la como um recurso discursivo, a fim de avaliar, legitimar, afiançar, pela autoridade de André Luiz (e, implicitamente, de Chico Xavier) algumas práticas de natureza mágica, extremamente divulgadas na Umbanda, como os “banhos de descarga”. A mensagem atribuída a André Luiz divulga a importância do banho conjugado ao passe como uma “magia divina ao alcance de nossas mãos” (O MAGNETISMO do banho, 2014).

Voltando a Jota Alves de Oliveira, o peso de Chico Xavier na sua obra pode ser aquilatoado pela presença de dois capítulos a ele referentes em sua já citada *Umbanda Cristã e Brasileira*. O capítulo 12 tratando diretamente do relato atribuído a Humberto de Campos, com o sugestivo título de *A árvore do Evangelho* e o capítulo 13 biográfico e laudatório, *O médium Chico Xavier, suas provações e sua glória*.

A presença de Chico Xavier com os atributos da santidade católica, por outro lado, aparece na literatura umbandista, remetendo o médium mineiro à qualidade de semiromba. Em nossas pesquisas (ISAIA, 2013), encontramos os semirombas como uma realidade ritual na Umbanda do Rio Grande do Sul<sup>6</sup>, extremamente ligada a figura de São Francisco de Assis. A qualidade de semiromba remete, em algumas especificidades rituais, a qualidades de santidade, renúncia, caridade. Para Pai Juruá, os semirombas seriam espíritos que se dedicaram em vida à evangelização, à oração e à caridade (PAI JURUÁ, 2011). Assim, de São Francisco de Assis a Buda, passando por Bezerra de Menezes e Chico Xavier, os semirombas são cultuados com os atributos da santidade. É indiciária a presença de Chico Xavier entre os semirombas da Umbanda para Pai Juruá, reforçando, nesta identificação, as características hagiográficas da biografia do médium, estudadas por Stoll e Lewgoy.

A cômoda situação de praticamente unanimidade simbólica desfrutada por sua figura fez com que a literatura umbandista ainda hoje buscase uma ponte entre a anunciação ou fundação da Umbanda e Chico Xavier. Em recente publicação periódica umbandista, Chico Xavier e Zélio de Moraes aparecem como figuras complementares, reforçando a figura do médium mineiro como referencial simbólico de interessante aproximação. Um exemplo desta operação simbólica aparece em mensagem do Caboclo Sete, psicografada pelo médium Francisco Sá. Nesta mensagem, Chico aparece como o grande veículo entre a obra de Kardec e o Brasil, humanizando-a. Já Zélio de Moraes aparece em íntima relação com Chico Xavier, democratizando o “acesso à espiritualidade” e complementando-a (SÁ, 2012, p. 05).

### ***Palavras Finais: Sistematizando reflexões e ampliando o debate***

Como escrevi na Introdução deste artigo, enfocar a presença de Chico Xavier na Umbanda e, de forma mais direta, no esforço literário dos intelectuais umbandistas, oportuniza uma reflexão teórica importante sobre o trabalho das coabitações discursivas, das partilhas de significados, das coexistências de significantes em realidades socioculturais diferentes. Como significante cultural, Chico Xavier demonstrou uma capacidade ímpar de percorrer itinerários não programados e fora do zelo doutrinário da Federação Espírita Brasileira. Desta forma, o estudo da presença de Chico Xavier na literatura produzida pelos umbandistas mostra que é impossível falar-se literatura umbandista sem referência direta ou indireta a ele. Nem seria diferente ao consolidar-se como o maior vulto da psicografia no Brasil e lançar-se, através da sua especificidade biográfica, praticamente à condição de santidade (STOLL, 2003; LEWGOY, 2004a).

<sup>6</sup> Em Porto Alegre, a mais antiga casa de Umbanda foi fundada na década de 1930, a “Congregação dos Franciscanos Espíritos de Umbanda” pratica ainda hoje um ritual chamado “de Semiromba”, que, segundo a tradição, teria sido “recebido” mediunicamente pelo seu fundador, Laudelino Manoel de Souza Gomes, um oficial da Marinha. A tradição da reverência a semirombas aparece claramente no panteão cultuado, no qual se incluem, além de São Francisco de Assis, Padre Cícero Romão Batista e Dom Francisco de Paula e Silva, bispo de São Luiz do Maranhão de 1907 a 1918. (Ver Isaia, 2013, p.35 e segs.)

Assim, o bem simbólico da Federação Espírita Brasileira (SILVA, 2012) extrapolou completamente o esforço identitário do Espiritismo, afirmando-se como bem simbólico nacional; como um significante capaz de praticamente processar crenças e valores socialmente assumidos. Extremamente relacionada a essa recepção brasileira a Chico Xavier está a crença na reencarnação e na possibilidade de comunicação com os espíritos como uma realidade cultural entre nós. Este é um fenômeno indicativo de que grande parte da população brasileira habita um universo cultural onde esses valores são referenciais e orientadores do agir e do sentir. O inventário desses valores no Brasil seria um passo importante para chegar-se ao que Febvre denominou de “outillage” mental (FEBVRE, 1992) de significativa parcela da população. Recentemente uma pesquisa encomendada pela Agência Reuters, mostrou que o Brasil é o segundo país do mundo em números dos que creem na reencarnação, ficando atrás apenas da Hungria e seguido pelo México (BRASIL, 2011). Neste contexto cultural, a literatura religiosa foi o segmento que mais cresceu no mercado editorial nas últimas décadas (LEWGOY, 2004b), evidenciando a familiaridade axiológica com a religião, de grande parte da população e traduzida em gosto literário. Nesta literatura, Lewgoy enfatiza a presença saliente dos evangélicos e espíritas. A análise de Lewgoy traz informações muito importantes para a compreensão do assunto discutido neste texto, ao mostrar a tendência atual, não institucionalizante, do mercado editorial espírita no Brasil. (LEWGOY, 2004) Desta maneira, vê-se no segmento de livros espíritas, o surgimento de editoras sem a vinculação com a Federação Espírita Brasileira e de autores que não necessariamente estão a ela vinculados (como foi, no passado, o caso de Chico Xavier). No que concerne à psicografia na Umbanda, temos no presente um avanço quantitativo muito importante de autores e editores, que colocam no mercado livreiro produtos, ou explicitamente identificados como umbandistas, ou nos quais a Umbanda aparece como referente principal, embora o médium que as psicografa apresente-se como espírita. No primeiro caso tem-se, por exemplo, as obras de Norberto Peixoto, no segundo caso as obras de Robson Pinheiro. Em relação ao último, duas reflexões impõem-se. Primeira, a invocada presença de Chico Xavier como fonte legitimante do seu trabalho, tal qual aconteceu com a literatura explicitamente umbandista. Segunda, a necessidade sentida pelo médium de reforçar o seu projeto identitário espírita, na acepção kardequiana, a fim de não ser confundido com os referentes umbandistas presentes na sua obra. Em relação à busca da presença legitimante de Chico Xavier, Robson Pinheiro faz questão de narrar o apoio dele recebido. Segundo a narrativa de Robson Pinheiro, ao mostrar os originais do seu *Tambores de Angola*, Chico Xavier teria dito: “Lance, meu filho, pois esse livro precisa sair. Mas aproveite e se lance para fora do país por um tempo (...) por causa da **caridade** dos irmãos espíritas... — disse, apontando para a língua enquanto pronunciava a palavra **caridade**”. Em se tratando, do esforço identitário de Robson Pinheiro, não aceitando o rótulo de umbandista e reforçando sua filiação doutrinária à obra kardequiana, seu argumento apela para a pluralidade de identidades presente na fenomenologia espírita desde sua codificação, onde nomes como Santo Agostinho e o Cura d’Ars, aparecem nas psicografias que comentam as passagens evangélicas (KARDEC, 1974).

Se fosse verdadeira a classificação dos espíritos de acordo com sua feição espiritual — “preto-velho é espírito **da** umbanda”, por exemplo —, formulo a seguinte indagação. Como podemos trabalhar com padres e freiras no espiritismo? Acaso alguém lhes pediu para abandonarem seus títulos e vestes sacerdotais para que pudessem ser aceitos? Acaso alguém viu em sua presença e atuação uma ameaça de catolicização do espiritismo? (FERNANDES NETO, 2014)

Por outro lado, tentando reforçar a identidade de uma literatura e de uma psicografia umbandista, Rubens Saraceni (2013) liga o nome de Robson Pinheiro à Umbanda. Neste esforço, embora reconhecendo que Robson Pinheiro seja um “médium espírita”, faz questão de incluí-lo no seu texto entre os *Escritores umbandistas e seus mentores espirituais*, subtítulo do seu artigo. Aliás, o projeto editorial do exemplar da revista no qual Saraceni publica o trabalho em questão, traz indícios muito nítidos da busca por uma linearidade entre a psicografia existente no Espiritismo e aquela apresentada pela Umbanda. Desta forma, o artigo que abre o número é dedicado, tanto à presença da psicografia na obra de codificação espírita, quanto ao esforço editorial de Chico Xavier e a seus mentores principais: Emmanuel, Irmão X (Humberto de Campos) e André Luiz (RODRIGUES, 2013). Este artigo é seguido do, anteriormente citado, da autoria de Saraceni, incluindo os nomes de Norberto Peixoto, Roger Feraudy, Robson Pinheiro, Silvio da Costa Mattos e Rodrigo Queiroz como “escritores umbandistas”. Sintomaticamente, a chamada de capa desta edição apresenta justamente o detalhe de uma foto de Chico Xavier, que aparece como a referência principal buscada pela revista ao remeter ao tema da psicografia.

Podemos ver que a presença da psicografia na Umbanda intensificou o debate acerca da identidade religiosa, da filiação doutrinária de intelectuais e médiuns. Este fenômeno é particularmente importante quando o mercado editorial afrouxa os liames institucionais e mesmo confessionais, apostando cada vez mais em um comportamento empresarial e alinhado com o gosto do público leitor (LEWGOY, 2004b). Acompanhando essa tendência e estudando-se algumas estratégias editoriais que tratam da presença da psicografia na Umbanda, Chico Xavier continua sendo o grande referencial. Chico Xavier permanece como uma referência extremamente revisitada, tanto para cancelar uma produção literária que se quer espírita quanto para legitimar o esforço editorial assumidamente umbandista.

## Referências

- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BOIA, Lucien. *Pour une histoire de l'imaginaire*. Paris: Belles Lettres, 1998.
- BOIA, Lucien. *Pour une histoire de l'imaginaire*. Paris: Les Belles Lettres, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: UNESP, 1996.
- BRAGA, Lourenço. *Umbanda e Quimbanda*. Rio de Janeiro: EDC, [s.d]. [1941]
- BRASIL É O 3º PAÍS ONDE MAIS SE CRÊ EM DEUS. *G1 Mundo*. 25/04/2011.  
Disponível em [http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/04/brasil-e-3o-pais-  
onde-mais-se-cre-em-deus-em-pesquisa.html](http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/04/brasil-e-3o-pais-onde-mais-se-cre-em-deus-em-pesquisa.html) Acesso: 07/10/2012.
- BROWN, Diana. Uma história da Umbanda no Rio. In: BROWN et al. *Umbanda e política*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1988.
- DREHER, Martin. *História do povo luterano*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- FEBVRE, Lucien. *Combats pour l'Histoire*. Paris: Librairie Armand Colin, 1992. [1952]
- FERNANDES NETO, Manoel. *Entrevista com Robson Pinheiro*. Disponível em:  
[http://www.rcespiritismo.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article  
&id=1204:o-fim-da-escuridao&catid=34:artigos&Itemid=54](http://www.rcespiritismo.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1204:o-fim-da-escuridao&catid=34:artigos&Itemid=54) Acesso:  
02/10/2014.
- GUIMARÃES, Edyr Rosa; LIMA, Almir S.M. *Umbanda. Sua codificação, origem, princípios, fundamentos básicos*. Rio de Janeiro: Erca, 1993. [1983]
- HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica pura*. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.
- ISAIA, Artur Cesar. A Umbanda como projeto de nomeação da realidade brasileira. *Revista Brasileira de História das Religiões*. 7(21):115-129, 2015.
- ISAIA, Artur Cesar. A república e a teleologia histórica do Espiritismo. In: ISAIA, Artur Cesar; MANOEL, Ivan Aparecido. *Espiritismo & Religiões Afro-Brasileiras*. São Paulo: EDUSP, 2012b.
- ISAIA, Artur Cesar. O universo mágico no Espiritismo de Umbanda. *Revista Brasileira de História das Religiões*, 5(15): 47-60, 2013a.
- ISAIA, Artur Cesar. Ordenar progredindo. A obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da Primeira Metade do século XX. *Anos 90*. (11): 97-120, 1999.
- ISAIA, Artur Cesar. Umbanda no Rio Grande do Sul: o esforço pela representatividade social nos primórdios de uma religião. In: WEBER, Beatriz Teixeira; ZANOTTO, Gisele (Org.). *Religiões e Religiosidades no Rio Grande do Sul (Volume 2)*. São Paulo: ANPUH, 2013b.
- ISAIA, Artur Cesar. Umbanda, intelectuais e nacionalismo no Brasil. *Fênix. Revista de História e Ciências Sociais*. 9(3): 1-22, 2012a.

- ISAIA, Artur Cesar; AMORIM, Pedro Paulo. O Almenara: religiões afro-brasileiras em um periódico de oposição à Federação Espírita Brasileira (meados do século XX). *Mneme. Revista de Humanidades*. 15(34):151-166, 2015.
- KARDEC, ALLAN. *Le livre des esprits*. Paris: Dervy, 1996. [1857]
- KARDEC, ALLAN. *L'évangile selon le spiritisme*. Paris: La diffusion scientifique, 1974. [1864]
- KARDEC, ALLAN. *Qu'est-ce que le Spiritisme?* Paris: Vermet, 1988. [1857]
- LADOUS, Régis. *Le Spiritisme*. Paris: Cerf, 1989.
- LEWGOY, Bernardo. *O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira*. Bauru: EDUSC, 2004a.
- LEWGOY, Bernardo. O livro religioso no Brasil recente: uma reflexão sobre as estratégias editoriais de espíritas e evangélicos. *Ciências Sociais e Religião*. 6(6): 51-69, 2004b.
- LEWGOY, Bernardo. *Umbanda Cristã e Brasileira (Pesquisa, análise, doutrina)*. Valença: Tecnoprint, s.d.
- O MAGNETISMO DO BANHO. Disponível em <http://umbandaecurto.com/noticias/o-magnetismo-do-banho/#.VS2IkvnF9p1> Acesso, 10/10/2014.
- OLIVEIRA, Jota Alves de. *Magias da Umbanda*. Rio de Janeiro: Editora Eco, 1970.
- PAI JURUÁ. *O ritual do rosário das Santas Almas Benditas*. São Caetano do Sul: s.ed, 2011.
- PLATÃO. *A república*. Lisboa: FCG, 1987.
- RODRIGUES, Virgínia. Mediunidade de psicografia. Comunicação com os espíritos por meio da escrita. *Revista Espírita de Umbanda*. 2(10):1-3, 2013.
- ROXO, Hilda. *Kardec e a Umbanda*. Niterói: Tipografia Cerbino, 1949.
- SÁ, Francisco. Padrinhos: Zélio de Moraes e Chico Xavier. *Jornal de Umbanda Sagrada*. 12(148): 05, 2012.
- SARACENI, Rubens. Mediunidade de psicografia na Umbanda. *Revista Espírita de Umbanda*. 2(10): 4-5, 2013.
- SILVA, Fábio Luiz da. *Espiritismo. História e poder*. Londrina: Eduel, 2005.
- SILVA, Raquel Marta da. *Chico Xavier: imaginário e representações simbólicas no interior de Minas Gerais*. Uberlândia, 2002. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia.
- SILVA, Raquel Marta da. *Mineiridade, representações e lutas de poder na construção da Minas Espírita*. Florianópolis, 2008. Tese (doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- SILVA, Raquel Marta da. Representações da mineiridade na vida e na obra de Francisco Cândido Xavier. In: ISAIA, Artur Cesar; MANOEL, Ivan Aparecido. *Espiritismo & Religiões Afro-Brasileiras*. São Paulo: UNESP, 2012.
- SILVA, W.W. da Matta e. *Doutrina Secreta da Umbanda*. São Paulo, Ícone, 2011. [1967]
- SILVA, W.W. da Matta e. *Umbanda e o poder da mediunidade*. São Paulo: Ícone, 2007. [1964]
- SOREL, Georges. *Réflexions sur la violence*. Paris: Seuil, 1990.

- 
- SOUSA, Florisbela Maria de. *Umbanda para os médiuns*. Rio de Janeiro: Editora Espiritualista, s.d. [1958]
- STOLL, Sandra J. *Espiritismo à brasileira*. São Paulo-Curitiba: Editora Orion, 2003.
- TRINDADE, Diamantino Fernandes. *Umbanda e sua História*. São Paulo: Ícone, 1991.
- XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Rio de Janeiro: FEB, 1998. [1939]
- XAVIER, Francisco Cândido. *Brasil, coração do mundo, Pátria do Evangelho*. Brasília: FEB, 2013. [1938]
- ZESPO, Emanuel. *O que é a Umbanda*. Rio de Janeiro: Biblioteca Espiritualista Brasileira, 1953. [1946]